

Fonte: Revista CULT

## Nem conciliador, nem confessional

Em entrevista, Sidney Rocha fala de seu novo romance, questiona muletas metodológicas da crítica e coloca em suspeição o peso dos concursos e prêmios literários



O escritor cearense Sidney Rocha

*Cristiano Ramos*

“O livro trata disto, acima de tudo: do artista que aprende, se torna mestre, adorado, e no seu percurso, mesmo no ponto mais alto, vê e percebe que a grande e rápida e possível queda ali está, sempre, encostada à nuca, ao traseiro, aos calcanhares”. Assim Gonçalo M. Tavares apresenta *Fernanflor* (Iluminuras, 2015), romance de Sidney Rocha, e primeiro volume da trilogia “Geronimo”. Apesar de repetir que levou uma vida inteira “escrevendo” este livro, foi lá por 2001 que chegou Fernanflor. Era “notívago e um criminoso vulgar; mas, depois, ‘ele’ decidiu ser de todas as horas, e muito mais malicioso e sutil”, lembra o escritor.

Sidney Rocha conquistou espaço e reconhecimento da crítica com os livros de contos *Matriuska* (2009) e *O destino das metáforas* (2011, vencedor do prêmio Jabuti). Nesta entrevista, ele trata de *Fernanflor*, que, para Lourenço Mutarelli, “torna Sidney apenas um borrão, enquanto ele ganha carne”. O entrevistado também diz que tipo de romance lhe interessa, questiona as muletas metodológicas de alguns críticos e resenhistas, coloca em suspeição o peso dos concursos e

prêmios literários, das pressões do mercado editorial, das biografias dos autores etc. Geralmente elogiado pelo seu apuro técnico, ele ressalva: “Não me interessa o romance que entende a linguagem como um fim em si mesmo; por melhor e bem feito que seja, um romance que descuidar do humano não serve para muita coisa”.

Veja Conteúdo da entrevista na Revista CULT [clikando aqui](#)

[Link do livro Fernanflor](#)